

A BRIGADA MILITAR E O GOLPE DE 1964.

Gisélia Monteiro Padilha - UNISINOS¹

Resumo

Nos primórdios do golpe civil-militar de 1964, a Brigada Militar formou Batalhões Volantes, que se dirigiram ao interior do RS, para evitar possíveis reações ao golpe que estava em curso. Na caserna, forças e poderes se digladiavam num IPM (Inquérito Policial Militar), para apurar quem era contrário à nova ordem política. Neste momento, para dar conta desta questão, a ênfase será dada aos que saíram para “varrer o pátio”, metáfora usada para designar as operações de controle que foram desencadeadas naquele contexto. A pesquisa consiste na análise da formação dos Batalhões Volantes e do seu Histórico de Campanha. Além da pesquisa empírica, a metodologia abarcou também história oral, com entrevistas de cidadãos cerrolarguenses. Por meio das quais busquei ampliar a compreensão dos acontecimentos que envolvem o encontro de uma força militar altamente municida e civis do noroeste do RS.

Palavras-chave: Brigada Militar; Batalhões Volantes; Golpe civil-militar.

Introdução

Logo após os primeiros dias do golpe civil-militar² de 1964, a Brigada Militar formou Batalhões Volantes, a mando do então governador do Estado Ildo Meneguethi, que se dirigiram ao interior do RS, para evitar possíveis reações ao golpe que estava em curso. Estes Batalhões foram criados, como instrumento de ação, conforme a *Exposição de Motivos* elaborada pela Brigada Militar, “contra perniciosos grupos intolerantes a Revolução vitoriosa”³. Chegaram a Cidade de Cerro Largo, situada no noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, em torno de dez (10) Batalhões Volantes, e ali se dividiram e tomaram como base outras cidades vizinhas. Sendo assim a temática desta pesquisa é a passagem do Batalhão Volante na Cidade de Cerro Largo, no Alto Uruguai do Estado do Rio Grande do Sul em 1964.

Na caserna, forças e poderes se digladiavam num IPM⁴ (Inquérito Policial Militar), para apurar quem era contrário à nova ordem política. Estes ficaram para “arrumar a casa”, metáfora que uso aqui para designar os encarregados do IPM. Os revoltosos tinham por

¹ Mestranda PPG História UNISINOS – Bolsista CAPES. Licenciada Bacharel pelo UNILASALLE. Onde atuou como BIC CNPq na área da Educação. Pesquisa sobre Ditadura no Brasil e Brigada Militar, ano de 1964.

² Em 31 de março de 1964, ocorre o Golpe Civil Militar, ditadura que exerce o poder por mais de 20 anos, onde mandam a alta cúpula militar, os órgãos de informação e repressão e a burocracia técnica de Estado. (FAUSTO, Boris. História do Brasil. 1996).

³ Os Grupos de 11, organizados por Leonel Brizola, para a defesa das conquistas democráticas do povo brasileiro. (FERREIRA: 2007, p.556)

⁴ Port Res 14 – G/64: Portaria Reservada de 13 de abril de 1964, Fls 4, do referido IPM, no qual o Comandante Geral da Brigada Militar, Coronel Octávio Frota, declara o Major Telmo Azambuja como Encarregado do Inquérito Policial Militar.

objetivo “Tomar êste quartel, e prender o Cmt Geral da Fôrça”, conforme a Portaria Reservada que instaurava a IPM, confirmadas nas palavras de José Wilson da Silva:

“As primeiras medidas foram de alterações nos comandos de algumas unidades da Brigada Militar, que seria nossa base, dadas as experiências de 61 e a liderança do próprio Brizola. [...] O Comando Geral da Brigada seria o Coronel Daisson Gomes da Silva, que foi chamado ao QG e saiu com ordem do General Ladário para assumi-lo e não conseguiu”. (SILVA, p. 100)

Neste momento, para dar conta desta questão, a ênfase será dada aos que saíram para “varrer o pátio”, metáfora usada para designar as operações de controle que foram desencadeadas naquele contexto.

A intervenção na região de Cerro Largo, tem como razão sua localização de fronteira, então rota de fuga dos grupos perniciosos a nova conjuntura do governo nacional e por “constituir base sólida eleitoral de partidos políticos, propagadores de idéias esquerdistas, por ser berço de políticos de atuação destacada filocomunista”⁵.

A relevância deste trabalho está em explorar um tema da história recente do país a respeito do qual pouco conhecemos, isto é, vamos analisar ações e acontecimentos que foram desencadeadas de modo a dar sustentabilidade ao golpe militar de março de 1964 no Rio Grande do Sul.

Segundo *Remessa de Demonstrativos* enviada ao Governador do Estado pelo Comandante Geral da Brigada Militar, Octávio Frota, a missão desta Campanha, que durou de 12 de maio de 1964, início do deslocamento, a 8 de julho de 1964, foi de manter a ordem e tranqüilidade pública; ações repressivas que coíbam atos subversivos; colher informações; busca e apreensões de armamento bélico e material subversivo.

Com 47 anos passados de tal data, é evidente na recente análise dos fatos acontecidos que alguma documentação encontra-se destruída ou perdida, ou por estarem guardadas sem que se tenha o conhecimento do seu valor, ou simplesmente para salvaguardar a imagem dos agentes dessa história.

Principalmente quando muitos atores históricos encontram-se vivos, satisfeitos ou não quanto às suas atuações, cientes ou não de seus atos, visto que era um período de incertezas quanto a atitudes a serem tomadas frente às mudanças da ordem social.

Além dos feridos, desaparecidos ou injustiçados, em favor dos novos rumos da Nação, contrária a manifestações sociais de reivindicação de melhorias, que ameaçassem as minorias elitistas, donas do poder, também existiram os silenciados. Até mesmo na pequena Cerro Largo, dada a sua importância conferida pelo governo do Estado.

⁵ Segundo a Exposição de Motivos – Situação Particular do Rio Grande do Sul. Museu da Brigada Militar. Caixa 54-16.

Hoje, com outra conjuntura política no Brasil, algumas questões emergem quando pensamos no golpe vitorioso, particularmente em relação ao caso aqui examinado, interessa refletir de que forma a população foi conquistada. Interessa saber o que é lembrado pela população do Alto Uruguai, sobre esta intervenção no seu dia a dia, e qual sua opinião, hoje, dos benefícios ou não da ordem do Governo do Estado do envio desses Batalhões.

Com a utilização de fontes documentais primárias, bibliografias e, sob a perspectiva da História Oral foram coletadas informações por meio de entrevistas, sobre aquele contexto político-social, de forma que possa refletir o papel da história na comunidade. Segundo Thompson (2002, p.44) a história oral: “Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade”.

Dos documentos da época, pesquisados no Museu da Brigada Militar, sobre a formação dos Batalhões Volantes (BV), obtive dados sobre o pensamento dos governantes locais de acordo com a Revolução Vitoriosa, sobre a situação particular do RS e da situação geográfica de fronteira de Carro Largo, para início de uma eventual tentativa de contra-revolução. Elaborar uma *Exposição de Motivos* é uma prática feita pelo Exército brasileiro quando da eminência de uma missão, o que também foi feito pela BM, já que a sua origem é nos moldes do Exército, mas que se modificou no passar do tempo de acordo com as políticas apresentadas, de tropa de combate a segurança pública.

Os Batalhões Volantes da Brigada Militar.

Em decorrência do Golpe Militar de 31 de março 1964, desencadeado pelo General Mourão Filho, comandante da IV Região Militar de Minas Gerais, o transporte para o interior do Estado do Rio Grande do Sul e outras localidades de Porto Alegre paralisou, obrigando alguns Cadetes e Aspirantes do Curso de Formação de Oficiais da Brigada Militar a permanecerem na Academia.

Em 09 de abril é decretada a formação de Destacamentos Volantes, pelo então Governador Ildo Meneghetti. Oficiais, Aspirantes, Cadetes, Sargentos, Cabos e Soldados foram transportados em comboio militar para a região do Alto Uruguai.

O comboio militar que transportava estes Batalhões, desfilou em frente ao Palácio Piratini, sede do Governo do Estado, em Porto Alegre, tomando a BR-290 e teve como primeira parada Cachoeira do Sul, depois Candelária, onde houve outro desfile, no fim do dia chegaram a Santa Maria, pernoitando no Regimento Cel Pillar.

No outro dia se deslocou pela RS-286, ficando por dois dias em São Francisco, passando por São Luiz Gonzaga em direção a Cerro Largo, onde fixaram-se num Btl Ferroviário de EB, desativado. Depois fracionaram-se para Santo Ângelo, São Luiz, Três de Maio, Giruá, Porto Lucena, Porto Xavier e Santa Rosa. Instruídos da missão de como procederem na sua “conquista”⁶ da população, para concretizarem o objetivo deste trabalho, imaginando como reagiriam os “conquistados”.

A população de Cerro Largo contava então, aproximadamente, com 1.630 habitantes na sede⁷, dados obtidos na agencia do IBGE de Cerro Largo e hoje 12.663 habitantes, pelo Censo realizado pelo IBGE em 2000.

A missão era encontrar as armas que supostamente, os Grupos de 11, formados por Leonel Brizola, teriam escondido naquela região. Então, houve procura de pessoas que tivessem algum tipo de conhecimento ou relacionamento com grupos políticos contrários a nova ordem política que se instalava no país, e por armamento que pudesse paramentar esses grupos. Mas que por mais que eles procurassem, nas comunidades, nas fazendas, e nas encostas dos rios, nada foi achado, a não ser armas de caça, em número muito pequeno.

Para dar conta da missão, segundo o *Demonstrativo de Despesas*, foram instalados 10 Batalhões Volantes, sendo que para constituir um Destacamento Volante foi necessário o seguinte contingente:

Capitão.....	1
1º Tenente.....	2
2º Tenente.....	3
Subtenente.....	1
1º Sargento.....	1
2º Sargento.....	4
3º Sargento.....	10
Cabo.....	15
Soldado.....	100
Total.....	137

⁶ ASOFBM. Histórico de Campanha do Batalhão Volante do CIM. Ano 13 – Nº 107 – Porto Alegre/RS, setembro de 2007, p.9.

⁷ Segundo a Agencia do IBGE de Cerro Largo (agcerrolargo@ibge.gov.br), sobre a população de Cerro Largo, em 1964, consta apenas em registro publicado em 1959, os seguintes dados: POPULAÇÃO - Conta o município de Cerro Largo 32.700 habitantes, localizando-se 1.630 na sede e 31.070 na zona rural (Estimativa do D.E.E. para 1.º-1-1956); 21,64 habitantes por quilômetro quadrado; 0,69% sôbre a população total do Estado. Área: 1.511 quilômetros quadrados. Aglomerados urbanos - Cidade de Cerro Largo; vilas: Porto Xavier e Roque Gonzales.

Também no *Demonstrativo de Despesas* encontra-se a relação de armamento e munição:

Discriminação	Preço unitário	Total
120 Mtr .45.....	40.000,00	4.800.000,00
1.000 Revolveres cal 38.....	24.000,00	2.400.000,00
1.000 Cassetetes.....	1.000,00	1.000.000,00
800 Mq 7.....	150.000,00	120.000.000,00
80 F M 7.....	300.000,00	24.000.000,00
400 Máscaras c/gases.....	10.000,00	4.000.000,00
64.000 Car 7 M2.....	200,00	12.800.000,00
25.000 Car 7 M1 (AA).....	200,00	5.000.000,00
36.000 Car 45 M4.....	113,00	4.068.000,00
30.000 Car 38 M2.....	90,00	2.700.000,00
2.000 Granadas defensivas.....	6.000,00	12.000.000,00
2.000 Granadas ofensivas.....	6.000,00	12.000.000,00
2.000 Granadas quím-lacrim.....	6.000,00	12.000.000,00
Soma.....	Cr\$	216.768.000,00

De acordo com o *Histórico de Campanha do Batalhão Volantes do CIM* (Centro de Instrução Militar), iniciaram retorno em julho de 1964. No dia 09 de julho, na altura de Pântano Grande, uma das Kombi, que levavam 9 homens, colidiu com um caminhão que vinha em sentido contrário. Os homens são lançados para fora da viatura, e o cadete do 2º ano, Nelson Lehneman, morre no local, e os demais ficam feridos. O cadete Lehneman é sepultado com honras fúnebres e promovido “post mortem” a Aspirante Oficial.

Em Cerro Largo, também houve protagonistas históricos, que receberam os Destacamentos, e se deparavam com seus integrantes no seu dia-a-dia, é preciso ouvir a sua história, para que a pesquisa abarque o maior número de envolvidos na questão, e assim obter informações que corroborem para a compreensão dos acontecimentos que envolvem o encontro de uma força militar altamente municada e civis do noroeste do RS.

Brigada Militar: Exposição de Motivos.

Conforme a *Exposição de Motivos* da BM apresentada ao governador do estado, a formação dos BV era importante porque o RS constitui “base sólida eleitoral de partidos⁸ políticos de atuação destacada filocomunistas”.

Todas essas precauções são tomadas contrárias ao contexto social que vinha se apresentando no Brasil e em especial no RS, durante o governo de João Goulart. Internamente, o RS, antes da Revolução/Golpe, encontrava-se em ebulição diante das reivindicações sociais exigidas pelos gaúchos em consonância com o resto do Brasil.

O comandante da BM, alertava para as constantes invasões de terras (Guaíba, Torres, Nonoai, Camaquã, Osório), que dispersava o efetivo para essas frentes, o que colocava em perigo a segurança geral do estado. Além das greves consideradas ilegais e injustas, incitadas por aquela política governamental, acusada de corrupta, nefasta e de distorcida política assistencial, pois dava prioridade a alguns municípios⁹, com polpudas verbas, preterindo ao governo do estado do RS.

Censura também, o antigo governo de interferir inconstitucionalmente por estar a caça de prosélitos, ou seja, de pessoas que quisessem mudar sua posição política, dentre os funcionários públicos estaduais, especialmente no magistério e entre os estudantes.

Ressalta ainda que a situação mudou com a ação revolucionária, sendo que eram pedidas medidas esclarecedoras quanto aos “frutos benéficos da nova ordem das coisas”, à população em geral.

As medidas de esclarecimentos e segurança consistiam em intensificar as já existentes. Bem como chegar até o trabalhador rural, da fronteira, para proporcionar-lhe paz e segurança, demonstrando um sistema eficiente de vigilância e defesa constante, juntamente com a tática de tornar clara a finalidade da “Revolução Vitoriosa”.

As garantias oferecidas ao trabalhador rural, tinha também como propósito, estar presente numa região de possível atividade em favor da contra-revolução, organizada por “ação perniciososa de grupos intolerantes”. O serviço de informações também fez parte das medidas de segurança, tornando previsíveis futuras ações para proteção da nova ordem política do país.

As vozes de Cerro Largo – RS

Além das questões novas que suscita, a metodologia da história oral é usada também “preencher as lacunas” na reconstrução de períodos históricos ou simplesmente na narração

⁸ PTB e PCB: partidos considerados pelos golpistas (militares e UDN), de ideais comunistas.

⁹ Aqui consideram-se os municípios de mesma posição política a do governo de João Goulart

de vivências que compiladas contam a histórias de um determinado grupo social (FERREIRA: 1994, p.09). Ela mexe com a lembrança individual que depende da atuação no seu grupo de convivência e no espaço que ocupa, trata das ligações cotidianas recordadas. Requer atitude profissional do pesquisador, ou seja, uma postura de escuta séria e atenta, que possibilite aos sujeitos entrevistados ampla liberdade de expressão.

O resultado das entrevistas é sempre de responsabilidade de quem as colheu, assim como do arquivamento do material da entrevista devidamente identificado. Técnicas de organização de acervos orais serão utilizadas ao final, para preservar a fonte oral que valida todo o trabalho do pesquisador, o respeito à memória do sujeito, o uso e finalidade da pesquisa.

Esses procedimentos estão seguramente ligados à consciência de cidadania, pois os testemunhos são de vital importância nos processos sociais. A responsabilidade ética se faz presente em todas as etapas do trabalho de historiador, seja qual for a sua metodologia. A veracidade do procedimento valida o resultado da pesquisa, com implicações cívicas e éticas, quando se trata de realidades históricas ainda vivas.

Em minha viagem para Cerro Largo, em julho de 2009, entrevistei algumas pessoas sobre o período em que o Batalhão Volante esteve na cidade. São elas: Lucia Olga Psiuk, Guido Casildo Henz, Laureano Schoffen, João Pio Flach e Eduardo Baltazar Moscon.

Para Lucia Psiuk, comerciante de Cerro Largo, foi um golpe porque os militares tomaram conta para conservar a ordem. Só ficou sabendo sobre a chegada do Batalhão Volante quando lá chegaram. Vieram de Porto Alegre, talvez porque “os cabeças” de Cerro Largo imaginavam que poderia dar uma revolta ou confronto de um grupo político com o outro. Que não viu, nem conheceu o Grupo de Onze, era só comentário. Sobre os militares, seu pai dizia que era golpe, porque quando o governo não é bom, errado mesmo, eles tomam conta. Do jeito que foi a coisa, hoje os militares não querem saber de governo. Os Batalhões foram recebidos bem, não ficaram sabendo de nenhum tipo de agressão por parte deles, nem ao contrário. A recomendação era para que tivessem calma e nada foi alterado no dia a dia do seu comércio.

Para o Sr. Laureano Shoffen, advogado e vereador em Cerro Largo, a Revolução foi bastante comentada. Todos achavam que deveria haver mudanças, senão entraria o sistema socialista. Soube pela rádio, que estava nas mãos dos militares. Sobre o Grupo dos Onze nada de concreto aconteceu, um ou outro do PTB foram denunciados, mas serviu de testemunha de defesa. Foram os primeiros a serem cassados. Os Batalhões chegaram de surpresa, fizeram pesquisas e sondagens, estavam aí para defender a população. A importância estava na fronteira que se estendia até a costa do rio Uruguai, e poderia vir elementos contrários a nova situação, por isso vieram de Porto Alegre. Cerro Largo fica mais perto da capital da Província

de Missões do que da capital do nosso estado. Foi uma Revolução, não foi um golpe isolado, atingiu todo o país, não foi uma facção, foi em vários pontos. Houve poucos casos de prisão, gente que pensava diferente, falavam demais em público. Mas foi sem maiores consequências. Quanto ao Grupo dos Onze foram fundados por muitos, mas aqui perto não, foi para fora. Na costa do Uruguai, em Porto Xavier e Roque Gonzáles. O comentário era que se organizavam com armas. Quanto ao Batalhão, foi uma tropa de elite que esteve aqui, porque geralmente na Brigada tem de tudo, pessoas grosseiras e semi analfabetas.

Para João Pio Flach, dentista, radialista e proprietário da Rádio Serro Azul, em Cerro Largo, acompanhou a queda do Presidente Jango pelo rádio. Fala também do conselho do Gen. Kruel do II Exército para que não houvesse resistência, porque marines norte americanos encontravam-se em águas territoriais brasileiras. Brizola quer que Jango resista, mas este não queria choque entre os Exércitos. Ficou sabendo da vinda dos Brigadianos, em uma janta de recepção ao primeiro Juiz da Comarca, sendo que estava também presente o Comandante do Batalhão e alguns soldados. O Grupo dos Onze foi um boato muito espalhado no Brasil inteiro, não funcionou em nenhum lugar. Diziam que seu cunhado Enio Moscon fazia parte do Grupo dos Onze, mas ele não fez. Um caso esporádico que aconteceu quando ele foi ao interior, entregar um material protético e foi barrado por policiais do Batalhão. Disse que não era subversivo ou comunista, que foi fazer uma entrega. E por coincidência, naquele momento, panfletos foram jogados de um avião, pedindo que fosse denunciado o paradeiro de Leonel Brizola. Não fui multado, e depois fui ao comandante colocar rádio a sua disposição para algum comunicado. Ele presumiu que a vinda deles teria sido pelo Grupo dos Onze, pela faixa de fronteira ou algum segredo que eles não falaram. Houve recomendação do que poderia ser falado na rádio, assim como receberam telegramas da Presidência da República para que uma ou outra notícia não fosse publicada. No mais foram bem tratados e ninguém foi molestado por eles.

Guido Henz, professor pela UPF (Universidade de Passo Fundo), não residia em Cerro Largo por ocasião da passagem do Batalhão Volante. Instalou residência em Cerro Largo a partir de 1966. Seu depoimento é sobre o que soube após sua chegada. Que veio um grupo volante para vistoriar o andamento da sociedade e que uma ou duas pessoas não estavam conformadas com o 31 de março de 1964. Oficialmente não houve repressão a elas. Não ouviu nenhum comentário sobre exageros de qualquer lado. E que o comércio local não sofreu alterações de qualquer tipo, pois era um comércio de estrutura muito forte. Na sua opinião, sobre a vinda do Batalhão Volante para Cerro Largo, seria por ser um ponto de vanguarda na área educacional, na área cultural e também religiosa. Envolvia-se em cultura étnica: polonesa, alemã e italiana.

Onde há cultura, há concepções de idéias de trabalho e educação, então ele credita, então, que algum elemento não estivesse conforme com a revolução de 64.

No depoimento de Eduardo Baltazar Moscon, formado na Escola Normal Rural La Salle, em 1955, vereador em Cerro Largo e hoje aposentado, encontrei a lembrança pontual dos acontecimentos conjunturais do Rio Grande do Sul e do Brasil, então, em análise com as entrevistas dos outros colaboradores, fica salientada a denúncia sofrida por Eduardo Moscon, e por esse motivo, no decorrer do trabalho, a fala do Sr Eduardo perpassa por entre a revisão bibliográfica, como em resposta as questões levantadas por seus conterrâneos, compondo nas suas palavras a visão dos acontecimentos de mais um momento da nossa história.

Eduardo Baltazar Moscon:

Eu lhe conto como foi a reação, porque a gente assistiu...aqui o povo de Cerro Largo era muito, e é muito católico, e ai empurraram na goela de todo mundo, que o Jango e o Brizola, eram comunistas, e ai o povo aderiu ao plano deles, porque achavam que era uma realidade, que o Jango era comunista, que tinha ido na China, naquela época ele foi lá na China, e por isso ele não pode assumir o governo, que ele tava em Singapura, se não me engano, e de lá ele voltou e os militares não deixaram ele assumir, porque ele já veio da China, era comunista, imagina, foi visitar um país, virou comunista... “Mas...ouviu...tudo isso que eu te contei aí, é uma realidade...que aconteceu em Cerro Largo,...que aconteceu na Nação, aconteceu no...no...Rio Grande do Sul. A gente...eu acompanhei a política desde ...desde a época do Getúlio.

Foi um fatal golpe, nunca existiu Revolução. [...]esse aqui foi um golpe militar, um golpe fatal, tomaram o poder do Jango. E o Jango como era um homem de paz, muita paz, não quis da um tiro, se ele desse o primeiro tiro, ele ficava no governo, porque eu, inclusive, vivi lá no Rio de Janeiro no meio dos militares que eram a favor de Jango, e eles diziam lá, se o Jango fosse de coragem, desse um tiro, nós tava mandando, o Aragão¹⁰, era quem mandava no Rio de Janeiro, e o Aragão era do exército, ficou indignado com o Jango, por ele ter largado a arma. Ele não quis derramamento de sangue.

Pois o motivo da vinda deles aqui em Cerro Largo era exclusivamente por aqui pela Argentina e entra o armamento, que era exclusivamente isso que eles diziam, que por aqui ia ser o corredor do armamento e ia cruzar por as nossas mãos aqui em Cerro Largo, para

¹⁰ Candido da Costa Aragão (1907-1998) – Era na época, 1964, o comandante do Corpo de Fuzileiros Navais do Rio de Janeiro. Em março de 1964, foi substituído no comando-geral do Corpo de Fuzileiros Navais, pelo Almirante Luis Filipe Sinai, por ordem do Ministro da Marinha, Silvio Mota, por ter participado do comício da Central do Brasil, apoiando o presidente João Goulart. O apoio foi considerado uma transgressão ao regulamento disciplinar da armada.

fornecer armas para a região aqui dessa costa do Uruguai aqui o armamento vinha por aqui para... i ... a Revolução...ca... começa no Rio Grande do Sul de novo, como foi a legalidade, para que fosse avançando para o centro do país, começando na fronteira com armamento clandestino. Era o que a Brigada queria saber onde tava,... exclusivamente vieram a procura de arma.

Em análise com a dos outros colaboradores, as entrevistas tiveram como ponto convergente, reviver do sentimento de angústia, medo e incerteza, daquela época sobre o desconhecido. O comunismo, que “vinha pelo ar”, como disse Eduardo, era incutido na cabeça das pessoas, de cima para baixo.

Segundo Carla Carloni, o medo ao comunismo intensificou-se na associação do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) ao PSD (Partido Social Democrata), apoiados pelo PCB (Partido Comunista do Brasil):

“A chapa PSD-PTB, que recebeu amplo apoio do proscrito Partido Comunista do Brasil (PCB), uniu as duas forças políticas identificadas com o getulismo, e por isso mesmo conseguiu despertar a fúria da oposição. Em 1955 os jornais publicaram inúmeras declarações de políticos e militares atacando JK e Jango. A UDN construiu seu discurso a partir da denúncia de “subversão social” e a imprensa tinha virado verdadeiro *front* de batalha. Os candidatos da dobradinha PSD-PTB eram associados a corrupção e ao comunismo, este último inimigo mortal em tempos de Guerra Fria”.(CARLONI:p.285).

Eduardo Moscon ainda relembra que Cerro Largo estava sob completa vigilância. Havia barreiras de policiamento nas estradas da região, censura na rádio, tudo era limitado, não se podia falar nada que favorecesse o lado do Jango. A partir de certa hora não se podia sair na rua, tinha que ser tudo moderado, a partir do controle da Brigada, o tratamento era muito rígido. O comando da Brigada se instalou para perseguir petebistas e que ele e seus irmãos foram denunciados por uma freira do convento, de estarem trazendo armas para a cidade, e de serem acusados de comunistas. Seu irmão, Enio Emílio Moscon, foi julgado e mantido em cárcere provisório em Cerro Largo.

Considerações finais.

Carlo Ginzburg, em seu livro “O queijo e os Vermes” (2004), nos fala sobre as mentalidades, e nos coloca dentro do cotidiano de Menocchio, e através de sua pesquisa, narra a vida e morte deste moleiro, das suas idéias e sentimentos. Inicialmente fazem parte do cenário seus

familiares, vizinhos e conhecidos; depois nos oferece o panorama político e social de sua época, assim como de suas tecnologias.

“O que tem caracterizado os estudos de história das mentalidades é a insistência nos elementos inertes, obscuros, inconscientes de uma determinada visão de mundo. As sobrevivências, os arcaísmos, a afetividade, a irracionalidade delimitam o campo específico da história das mentalidades, distinguindo-a com muita clareza de disciplinas paralelas e hoje consolidadas, como a história das idéias ou a história da cultura.” (GINZBURG: 2004, p.28)

A micro-história nos oferece a chance de ler narrativas sobre sujeitos, que num momento contínuo, não seriam ouvidos por não fazerem parte dos acontecimentos macro-históricos dos protagonistas do fato histórico.

Mas essas rupturas fazem sair da micro, como se tivessem sido pinçadas, a história de outros protagonistas, que também narram, sobre o desvio ocorrido no seu *continuum*.

Para dar conta das respostas, para este mote, utilizei da metodologia da história oral, que me dissesse do cotidiano dos cerrolarguenses, e do impacto da chegada do Batalhão Volante da Brigada Militar, naquela cidade. A pesquisa bibliográfica, situou política e socialmente, no pré e pós 1964, e por último de documentos escritos pelos governantes do estado do Rio Grande do Sul, que diziam o que era para ser procurado, feito e falado em Cerro Largo.

O golpe civil-militar foi uma decisão tomada por militares, na sua maioria por oficiais que não ocupavam postos de decisão. Que no decorrer de suas ações, afastaram-se em linhas de ideais, alguns se mostraram vaidosos e ávidos pelo poder outros acreditavam na transitoriedade dos militares no poder, “limpariam” o país das ameaças ideológicas externas, que logo quando a ordem social e política se restabelecesse eles voltariam para os quartéis, mas como vimos se prolongou por muito tempo. O maior erro militar é achar que o seu sucessor vai dar continuidade as suas idéias, ao seu trabalho, foi isso que fez prolongar os militares no governo, o sai e entra das linhas de governo atreladas na total violência para a manutenção do poder e da ordem.

[...] objetivavam corrigir o que estava errado, “limpar” e “consertar” o país, afastar a possibilidade de conflitos sociais e obter ainda, que a preço muito alto, a paz social e altos níveis de desenvolvimento econômico. (D’ARAUJO, 1995, p. 24)

Mesmo que para isso fossem se associar ao capital estrangeiro, que durante o regime militar, e até a nossa atualidade, só faz aumentar a desigualdade social e o desinteresse e desconfiança dos órgãos públicos e instituições políticas do Brasil.

Essas atitudes, nos fez sair do caminho que estávamos construindo em favor da democracia. Toda a efervescência social e política que tomava conta do Brasil no pré 1964 era fruto do aprendizado para o crescimento democrático, estávamos nos politizando.

De início manobrando a opinião pública, na distorção de acontecimentos internacionais, que quando ocorridos eram interpretados por quem queria o poder, de forma a incutir de cima para baixo, o medo a ideais políticos que afetassem os interesses econômicos das elites brasileiras, em detrimento a uma ação libertária do povo.

“A burguesia estabeleceu sólidas alianças com o latifúndio e o imperialismo no processo de desenvolvimento econômico brasileiro.[...] Ou seja, entre as classes dominantes não havia contradições “antagônicas”, sendo, portanto, impraticável um governo nacionalista e democrático”.(REIS FILHO: 1990, p. 34)

O golpe militar fez com que os direitos e avanços políticos do povo fossem perdidos. O povo lutou o quanto pode, em todas as frentes possíveis, por terra, por habitação, por salário digno, por educação, por saúde. Esses movimentos sociais estavam formando o cidadão digno, consciente de seus direitos e deveres.

Neste trabalho também se comprova o profundo valor da Universidade, a primeira Instituição a ser censurada e perseguida, a primeira a ter sua voz calada, durante o regime militar. O diálogo com o governo, também se tornou impraticável, surgindo tendências que apoiavam a alternativa de confronto, “como resposta para a incapacidade da pequena burguesia de derrubar o governo instalado pelo movimento de 1964, era a ação militar de vanguarda e de luta frontal contra o regime militar” (SANFELICE: 1986, p.150).

A educação prepara o juízo crítico de alternativas e possibilita a escolha do próprio caminho e essa idéia se concretiza na libertação dos homens. E para o opressor, a conscientização e a humanização é pura subversão, que é combatida no ultraje do ser. Portanto a educação do povo não interessa ao opressor, pois com isso ele perde o poder de manobra e manipulação.

Fui considerado como um “subversivo internacional”, um “traidor de Cristo e do povo brasileiro”, “Nega o senhor – perguntava um dos juizes – que seu método é semelhante a de Stalin, Hitler, Perón e Mussolini? Nega o senhor que com seu pretendido método o que quer é tornar bolchevique o país? (FREIRE: 1979, p.16)

Enquanto o mundo se abria ao conhecimento do outro e de si mesmo, nós nos fechávamos e deixávamos que outros tomassem conta da situação, em nosso momento de torpor e indignidade. Até mesmo a pequena cidade de Cerro Largo teve o seu momento de participação no contexto histórico do Brasil. Portanto os acontecimentos não ocorrem somente nos grandes centros metropolitanos. Todos são levados pela história e são atingidos

no seu cotidiano, a partir daí é que cabe um posicionamento e decisões de como vamos querer ser lembrados na nossa história.

Este é um período da história do Brasil que ainda deve ser estudado, para exorcizar os fantasmas e retomar o caminho, porque o que foi perdido, neste caso, não pode ser encontrado, mas pode ser lembrado e avaliado.

Referências

- AMADO, J.; FERREIRA, M. (Orgs.) **Usos e Abusos da História Oral**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1998.
- ASOFBM – Jornal da Associação dos Oficiais da Brigada Militar. **Histórico de Campanha do Batalhão Volante do CIM**. Ano 13 – Nº 107 – Porto Alegre/RS – Setembro de 2007, p. 9.
- D'ARAÚJO, M. C.; SOARES, G. A. D.; CASTRO, C. (Orgs.). **A volta aos Quartéis: a memória militar sobre a Abertura**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação. 1996.
- FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). **Entre-vistas: Abordagens e Usos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1994.
- FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs). Nacionalismo e Reformismo Radial (1945-1964). As Esquerdas no Brasil v.2. IN.: CARLONI, Karla Guilherme. **A Esquerda Militar no Brasil (1955-1964)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p.279.
- FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs). Nacionalismo e Reformismo Radial (1945-1964). As Esquerdas no Brasil v.2.. IN.: FERREIRA, Jorge. **Leonel Brizola, os nacional-revolucionários e a Frente de Mobilização Popular**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p.543.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- MEIHY, José Carlos; HOLANDA, Fabíola. **História Oral**. Como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.
- MUSEU DA BRIGADA MILITAR. **Instalação de Destacamentos Volantes (1964)** Demonstrativo de Despesas – Exposição de Motivos. Caixa 54 – 16.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. **A Revolução Faltou ao Encontro**. Os Comunistas no Brasil. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.
- SANFELICE, José Luís. **Movimento Estudantil: a UNE na resistência ao golpe de 64**. São Paulo: Cortez Editora, 1986.
- SILVA, José Wilson da. **O Tenente Vermelho**. Colaborador Alfredo Paiva. Porto Alegre: Tchê! Editora Ltda, 1987.
- THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado – História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.